

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

1 e 15 de Junho de 2023

AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA

**TSIPERI MTEBI ANIJ SAUJBERELI AMBAVI / 1983**  
**“As Montanhas Azuis ou Uma História Inacreditável”**

*Um filme de Eldar Chenguelaia*

*Argumento:* Rezo Cheishvilli e Eldar Chenguelaia, a partir do romance “Tsiperi Mtebi” (“As Montanhas Azuis”), de Cheishvilli (1980) / *Diretor de fotografia* (35 mm, formato 1x33, cor): Levan Paatashvilli / *Cenários:* Boris Tskhakaia / *Figurinos:* Medea Bakradzé / *Música:* Gyia Kanchelli / *Montagem:* Leonid Ashiani / *Som (mono):* Vladimir Nikonov / *Interpretação:* Ramaz Giorgobiani (*Soso, o diretor*), Vasil Kakhniashvilli (*Vaso*), Teimur Chirgadzé (*o diretor*), Ivan Sakvarelidzé (*o engenheiro*), Sesilia Takaishvilli (*Molare*), Grigol Natvlshvilli (*Irodion*), Vladimir Mezvrishvilli (*Gricha*), Otamer Guntsadze (*Mgebavi*) e outros

*Produção:* Murman Tszinsadzé para Georgia Film (Tbilissi) / *Cópia:* do Centro Georgiano de Cinema (Tbilissi), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 95 minutos / *Estreia mundial:* Tbilissi, 18 de Dezembro de 1983 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão de dia 1 com apresentação

\*\*\*\*\*

Sexto filme de Eldar Chenguelaia (se incluirmos os dois que co-realizou, em 1958 e 1960 e que nunca incluiu nas suas filmografias), **Tseperi Mtebi/“As Montanhas Azuis”** também é o seu filme mais conhecido além-fronteiras. Foi feito num período que, do ponto de vista político, revelar-se-ia de transição: logo a seguir à morte de Leonid Brejnev, depois de dezoito anos ininterruptos que os reformistas batizariam de *o período da estagnação* e a sua substituição pelo primeiro dos seus dois efémeros sucessores, antes da chegada ao poder de Mikhail Gorbatchev em Março de 1985, que tudo transformaria. Estreado em Tbilissi em Dezembro de 1983, aparentemente numa daquelas “distribuições restritas” que eram uma das maneiras de sufocar um filme na União Soviética sem proibir a sua exibição, o filme seria tardiamente apresentado no Festival de Cannes em 1985, talvez não por acaso dois meses depois da chegada de Gorbatchev e de uma nova geração ao poder supremo, ou seja do início de ventos de mudança que acabariam por se revelar demasiado vigorosos para as capacidades de URSS. O filme é precisamente uma crítica, em modo de sátira, à burocracia soviética, baseado no romance de estreia de uma importante figura do cinema georgiano, Rezo Cheishvilli, que a partir de 1961 trabalhou no departamento de montagem e no de argumentos dos estúdios de Tbilissi. Como escritor, Cheishvilli deve ter conhecido de bastante perto a vasta gama de percalços que tem de enfrentar um escritor num regime político ao mesmo tempo repressivo e muito desorganizado, apesar de sobre-administrado.

“**As Montanhas Azuis**” é um filme cuja estrutura narrativa é extremamente bem construída, o que é um exemplo da predominância do argumentista sobre o realizador no cinema soviético (era mais bem pago), em todas e cada uma das quinze repúblicas da confederação, sem dúvida por diversas razões, uma das quais era o controle sobre o teor narrativo do filme (os argumentistas tinham de se comprometer por escrito a fazer no mínimo três versões do argumento). Neste sistema, porém, os realizadores de talento eram certamente mais do que simples ilustradores, mas mesmo o melhor cinema soviético dos anos 60 e 70, que viram nascer muitas obras notáveis, é composto por obras “fechadas”, sem falhas, mas também sem frestas por onde circule o ar do incerto

e do imperfeito no que refere a realização: a noção de acaso era excluída. Eldar Shenguelaia e Rezo Cheishvili (que trabalhou como argumentista durante quase vinte anos antes de publicar o seu primeiro romance, adaptado neste filme) conseguiram a pequena proeza de fazer um filme de noventa minutos em que nada se passa embora os personagens não parem de se mexer e de falar, numa representação perfeita do (não)funcionamento da burocracia: o motor gira de modo incessante e a toda a velocidade, mas o veículo não sai do lugar. Isto justifica plenamente o subtítulo do filme, do qual o espectador nem sequer se lembra: *uma história inacreditável*, a história de um sistema em que tudo funciona de maneira a que nada funcione e nada tenha resultado, de tal maneira a organização “racional” de um sistema pode chegar ao delírio. Toda a ação se passa no interior de uma repartição burocrática, que é uma síntese da própria Geórgia e, por extensão, da União Soviética, porém o realizador e o argumentista limitam-se a sugeri-lo, sem insistência. Numa típica (e boa) ideia de argumentista, no primeiro plano do filme, uma discreta panorâmica, vemos uma rua de Tbilissi através de uma janela, que logo percebemos ser a janela de um dos gabinetes da instituição burocrática. Cerca de vinte minutos depois, marcando o fim de um capítulo da história narrada, ouvimos uma música ligeira e irónica; este procedimento voltará a repetir-se vinte minutos depois e ainda mais uma vez outros trinta minutos mais tarde, mostrando que a cada aparente etapa do percurso do protagonista, rigorosamente nada mudou. O outro único espaço exterior mostrado com regularidade é um campo de *motoball*, o polo dos remediados, um desporto tão absurdo quanto as circunvoluções administrativas. Só saímos deste edifício administrativo no epílogo, para vermos o desencantado protagonista dirigir-se para esta repartição, onde entra e o plano final é a fachada do edifício tendo como fundo sonoro a mesma discussão de uma das primeiras sequências, sobre a remoção de uma pintura a óleo que está perigosamente mal pendurada. É também sem dúvida ao argumentista que devemos a divertida e variada gama de “motivos” que faz com que nenhum dos membros do inevitável comité de leitura leia o manuscrito, que todos prometem ler com rapidez: um o põe em baixo da pilha de papeis, outro empresta-o a um terceiro que quer muito lê-lo mas não o faz, outro arquiva-o de imediato, outro declara que “não lê manuscritos” (quando esta é a sua função), outro perde-o e há um que o deixa ao relento. Além disso, um dos manuscritos está quase ilegível porque não foi fotocopiado e sim mimeografado e sobretudo todos têm mais que fazer além do seu trabalho oficial: jogar xadrez ou fabricar vinho no subsolo da instituição onde trabalham. Nenhuma conversa dura mais do que alguns segundos, ninguém se concentra em nada e alguns diálogos devem ter provocado grandes risadas na Geórgia dos anos 80: “- O diretor saiu. - Vai voltar? - Talvez sim, talvez não. - Posso esperar? - Pode”. Fechando um círculo, o próprio protagonista é incumbido de ler o manuscrito de um terceiro e a reunião do Comité de Leitura não vai além de um parecer provisório, no qual ninguém quer se comprometer.

O cinema soviético sabia narrar muito bem, mas procedia através de narrativas mais ou menos oblíquas, com uma causalidade menos direta e evidente do que a do cinema americano ou europeu. Em “**As Montanhas Azuis**” a narrativa é mais direta e menos oblíqua do que de costume no cinema soviético, mas tudo se encaixa e se encadeia sem desperdício de material narrativo e sem a impressão de repetição, embora toda a narração consista numa repetição perpétua de gestos inúteis. Mas mesmo num cinema tão abertamente dependente do argumento quanto o soviético dos anos 60 a 70 um filme não toma forma sem a aventura da *mise-en-scène*. Eldar Chenguelaia mostra aqui uma faceta do seu trabalho que difere do tom agridoce de “**Uma Exposição Insólita**”, da amplidão de “**A Caravana Branca**” ou a muito maior liberdade formal de “**Excêntricos**”. Fez um filme de conjunto, com um personagem coletivo, que quase consegue dar ao espectador desta sátira desabusada e agridoce a ilusão de estar diante de um documentário.

Antonio Rodrigues